

MIGRAÇÕES GLOBAIS E A EUROPA DO CAPITAL

Gilson Dantas

Pós-doutorando pela UnB, editor da revista *Contra a Corrente* e autor de *Estados Unidos, militarismo e economia da destruição* e *Natureza atormentada*

Ao mesmo tempo em que crescem as migrações, do Oriente Médio, da África e do Leste em direção ao espaço europeu, aparecem os políticos da ordem com seu discurso humanitário, enquanto também cresce, na “oposição”, o neonazismo, os partidos racistas, xenófobos.

Fica parecendo que se trata de elementos desconectados; exceto pela relação que é feita, midiaticamente, de que neonazismo é reação à presença de migrantes e ponto. O neofascismo, portanto, aparecendo como intolerância de um setor racista da elite e da população e, do outro lado, os governos, como Merkel, na condição de autoridades bem intencionadas, que estariam objetivamente preocupadas com o fenômeno migratório. Inclusive humanitariamente.

A mídia não está preocupada em conectar esses elementos. Nem em desvelar contradições.

No entanto, basta comparar discurso com prática, isto é, o argumento humanitário daqueles governos e o conjunto da prática de Merkel (Alemanha) e seus colegas europeus, e a contradição emerge, permitindo enxergar tudo conectado. E contraditório.

Revista Posição

Na verdade, não há pontos fora da curva: o discurso humanitário das autoridades, de boa-vontade e solidariedade com os migrantes, não vai além do discurso. Primeiro que os governos imperialistas da Europa são especialistas em criar – pela guerra de rapina sobre as riquezas do Oriente Médio ou da África, pela espoliação e política neocolonial – condições para que aqueles povos sejam obrigados a emigrar ou morrer.

Criam condições que tornam o lar daqueles povos insuportável para milhões e milhões. Tão insuportável que eles “preferem” correr o risco de morrer no mar, migrar a qualquer custo, do que ficar ali, onde nasceram e se criaram. Por trás da barbárie da emigração forçada estão as coalisões das potências imperialistas que devastaram militarmente o Iraque, o Afeganistão, a Líbia, que espoliam a África central, o chifre da África, que promovem ou patrocinam governos ou bandos armados que terceirizam a espoliação de riquezas naturais, como no Congo, por exemplo, (com seus 6 milhões de mortos dos anos recentes); a lista de crimes sociais das grandes potências e seus regimes clientes é interminável e histórica.

Com Estados Unidos à cabeça desde antes da II Guerra Mundial para cá, foram as forças imperialistas que, naquele canto do mundo, esquartejaram, desuniram, lançaram nação contra nação, bando contra bando, na obsessão de defesa dos seus interesses geopolíticos e de saque.

Não por acaso, o segundo grande grupo de migrantes que vai para a Europa são afegãos, país onde Merkel mantém milhares de soldados alemães, portanto, país que a Alemanha também ocupa (3º contingente depois de Estados Unidos e Inglaterra), destrói e desagrega. Aqueles problemas não existiriam nessas proporções sem a ação imperialista do grande capital europeu lado a lado com a *hegemonia* norte-americana.

Mas aquela contradição acima mencionada, que tanto deveria chamar a atenção, entre retórica e fatos, se dá hoje a céu aberto. Fatos como o acordo de março deste ano entre União Europeia e Turquia para que o ditador turco, Erdogan, *não* deixe que os migrantes cheguem à Europa por terra, falam mais alto que discursos. Aqui aparece a

Turquia lucrando com os migrantes: recebe 6 bilhões de euros da UE para cumprir o papel de cão de guarda contra os povos que fogem do horror da guerra na Síria, no Iraque, e do Estado Islâmico; bloqueia o acesso por terra, somente restando aos povos se atirarem no mar.

E este é precisamente um dos grandes fatos chocantes pelo seu anti-humanitarismo prático: a Alemanha e os governos europeus “humanitários” sabem que barrar a chegada por terra, empurra as ondas migratórias para o mar. Lança mulheres, homens e crianças a se afogarem no mar Mediterrâneo, aos milhares (apenas este ano, em torno de 4 mil vidas ceifadas).

E não custa perguntar: com aqueles recursos bilionários gastos na ocupação, Merkel tem autoridade para alegar preocupação com os migrantes que ela mesma expulsa do Afeganistão? E Erdogan, com os 6 bilhões de euros que recebe para fechar a via terrestre das migrações, e que basicamente se preocupou em gastar em segurança, aproveitou para aparelhar a polícia de fronteira, para nada preocupado com a vida precaríssima e miserável dos migrantes?

Mas o fato é que, sob qualquer avaliação séria, a política dos governos europeus nega, na prática, ou seja, concretamente, qualquer retórica humanitarista. A UE é a mão invisível que já afogou 4 mil pessoas este ano e mais de 40 mil somando os últimos dezesseis anos.

Outros fatos: nem 1% dos migrantes que chegam são incorporados à sociedade europeia. Quase nada; a maioria fica em campos de confinamento, como regra desumanos, de onde, massivamente, são deportados a qualquer momento. Se esboçarem qualquer reação diante da desumanidade da brutalidade e assédio policial, das privações de comida, banheiro, chuveiro, água, cama de cada campo de confinamento, são criminalizados, torturados, deportados. E mais: quando a patronal europeia incorpora alguns milhares de migrantes é na base de subemprego, precarizado, baixíssimos salários, direito nenhum. Ao mesmo tempo em que a maioria dos migrantes vive na atroz insegurança, sendo em algum momento expelida de volta à Turquia, aos seus

países de origem. A Turquia, coerente com seus interesses, mantém quase 3 milhões de refugiados acantonados. Para os quais aqueles bilhões de euros não chegam nunca sob a forma de qualidade básica de vida.

Na verdade, o aparato e os negócios de segurança, vinculados à repressão policial crescem astronomicamente na Europa; mas não a construção de abrigos decentes. Na Alemanha chegam a usar campos de concentração da II Guerra como abrigo (Dashau, por exemplo). Os recursos que faltam aqui a Merkel gasta para ocupar o Afeganistão, com suas forças militares.

Uma verdadeira e não mais retórica política humanitária, seria a de respeitar a autonomia nacional dos afegãos, seu lar, e investir nos abrigos para migrantes, gerar maciçamente empregos de qualidade, diminuir as horas de trabalho para empregar a todos, tanto trabalhadores migrantes quanto nativos. Nada disso interessa à Europa do capital.

A verdade, em última instância, é que os refugiados e as migrações são fruto do fracasso da globalização neoliberal. Lado a lado com o protecionismo, o nacionalismo, a xenofobia, são conexões de um mesmo processo. Que inclui a incorporação de força de trabalho jovem e precarizada para tocar sua máquina de lucro (extração de mais-valia absoluta).

E tanto a catástrofe das migrações quanto a submissão dos países mais fracos da Europa ao imperialismo alemão, são faces daquela mesma moeda: fracasso da globalização imperialista e a resposta que dão em forma de política econômica, que descarregue a profunda crise dos capitalistas sobre as costas dos trabalhadores, inclusive sob a forma de guerra e de extermínio por terra e por mar.